

Fotografia e desenho: possíveis relações

Curiosamente, nesta terceira etapa de um projeto dedicado ao desenho em suas mais diversas manifestações, apresenta-se um conjunto de trabalhos de fotografia (realizado nos primeiros anos da década de 50, na Alemanha).

Aparentemente o desenho não comparece. Esta seria a conclusão de uma primeira observação mais direta, menos especulativa, talvez.

O que se sugere é um olhar que possa captar as possíveis relações entre estas duas linguagens. Um olhar não muito ortodoxo, com certeza, mas cujo interesse está justamente em desarmar, desorganizar um pouco as categorias delimitadas dos diversos meios de produção artística.

O desenho, tal como vem sendo abordado neste projeto, não é tão somente uma destas categorias. Na realidade, ele estaria presente em quase toda atividade artística. É fundamentalmente uma estrutura, uma organização sobre a qual se constrói uma idéia. Ele pré-existe no momento mesmo que antecede a sua configuração no plano real. Poder-se-ia dizer que ele se constitui no raciocínio, em pensamento visual. Ou ainda na percepção, por vezes no próprio recorte que um olhar faz da realidade. Difícil precisar o lugar e o momento exatos em que o desenho nasce: se na imaginação, na percepção, ou na memória. Mas, com certeza, em algum destes momentos, anteriores à sua materialização.

A fotografia é também, por sua vez, essencialmente fruto, testemunho de um "olhar sensível", que percebe, seleciona e enquadra, ainda que o registro mecânico desta imagem captada pela fotografia se distancie do registro do traço construído pelo gesto da mão. A linha, na fotografia, não é o percurso do gesto, mas sim o caminho da luz, mais precisamente o

desenho feito pela luz.

Interessante observar que, no início, a fotografia era vista por muitos observadores como sendo "um tipo particular, quase mágico, de desenho".

A fotografia de caráter documental cumpria função semelhante a do desenho e da pintura numa certa época, de registro fiel da realidade. Mas a nova descoberta já trazia, na sua essência e origem, uma condição muito particular. Como afirma Francesca Alinovi, a fotografia "(...) baseia-se num equívoco estranho que tem a ver com sua dupla natureza de arte mecânica: o de ser um instrumento preciso e infalível como uma ciência e, ao mesmo tempo, inexacto e falso como a arte (...)".¹

Nos anos 20, na Europa, vários artistas utilizam-se da fotografia, não somente para registrar o real, mas para transformá-lo, sugerindo novas realidades; foi o caso de Man Ray e outros surrealistas, dos construtivistas, para citar alguns, e cujos trabalhos atestam os interessantes recursos oferecidos pela fotografia.

A transformação radical da fotografia, promovida por alguns destes artistas, coincide com o momento em que, dentro do modernismo, as possibilidades expressivas da abstração eram reconhecidas.

Há pelo menos dois momentos distintos no processo fotográfico, nos quais pode haver manipulação ou construção: no instante em que a imagem é tomada do real — quando o olhar recorta e enquadra fragmentos, ou mesmo quando o fotógrafo compõe a imagem a ser registrada; e no processamento desta imagem (trabalho de laboratório). Todas estas possíveis intervenções acabam por conferir à fotografia um caráter especulativo, e distanciam-na da condição de instrumento de puro e simples registro fiel do real. Há sempre uma recriação do real através da fotografia.

Enfim, é no caminho das possíveis aproximações e inevitáveis distanciamentos que nos interessa transitar. É nestas condições que se revelam as particularidades de cada linguagem e, ao mesmo tempo, as questões que são comuns e essenciais aos diversos meios de produção artística.

novembro 1995

(1) Francesca Alinovi, apud Annateresa Fabris. "A fotografia e o sistema das artes plásticas". IN: Fotografia: usos e funções no séc XIX. SP, EDUSP, 1991